



César Viana*

Novos espaços de informação e cidadania

Desde maio está em vigor no Brasil a Lei de Acesso à Informação (lei nº 12.527/2012), que muda a forma como nos relacionamos com o poder público. Tudo, cada centavo, os mínimos detalhes da administração pública, deve ser disponibilizado para consulta dos cidadãos. Dar acesso a todos os arquivos requer esforço tanto do governo como da sociedade. Isso acontece aqui e em outros países.

Vivenciamos os primeiros balbucios da infinidade de perspectivas que se abrem para a transparência e a convivência em público nos âmbitos digitais. Com isso, abrem-se novas frentes coletivas de atuação para resolver questões cotidianas, como melhorar os fluxos em nossas ruas, reaproveitar o sem-fim de informação gerado em todas as cidades, acompanhar cada detalhe das eleições, ou de como são aplicados os orçamentos públicos.

Pelo mundo agora aparecem mudanças sociais que ganham força pela mobilização em redes *online*. Isso em si é uma grande fonte de notícias e também de dados. Os jornalistas precisam saber como achar e utilizar as fontes para tratar e divulgar a informação, bem como se há permissão legal para se publicar uma base de dados e abri-la para que outras pessoas também tenham acesso.

Jornalismo de precisão

Há um movimento que ganha mais e mais adesão: querem melhorar e difundir o jornalismo de precisão, jornalismo de dados ou #DDJ, sigla-repositório de comentários, ações e *links* sobre esse tal *data-driven journalism*. São diferentes nomes para práticas recentes: incluir os sistemas de dados como fontes de informação no cotidiano das redações ou entre os agentes comunitários de notícias.

O jornalismo de precisão (este termo é o mais usado na literatura de Comunicação desde o início da década de 1970) também pode ser entendido como um esforço da mídia para se adaptar às mudanças que transformam os espaços de informação. Isso inclui diversos aspectos, como mais interatividade e narrativas multidimensionais capazes de incluir o leitor nos processos de produção de notícias. Há muito a se incentivar e a envolver o público na criação e na avaliação de reportagens, por exemplo.

Muda o jeito como os jornalistas passam a apurar, a elaborar e a envolver o público em suas reportagens. Mas quais as dicas, os primeiros casos de sucesso, os procedimentos mais eficazes? A partir do esforço conjunto de entidades como a Fundação pelo Conhecimento Livre (www.okfn.org) e o Centro Europeu de Jornalismo (www.ejc.net) foi feito o desafio de se construir um manual de jornalismo de precisão totalmente aberto. A ideia foi lançada no Mozilla Festival do ano passado, em Londres, e convocava pessoas para, juntas, prepararem artigos durante um fim de semana.

Surgiram 71 colaboradores que fizeram 120 páginas durante seis meses de trabalho. Pessoas de diversos países, culturas e veículos de comunicação se juntaram por meio de uma lista de e-mail. Qualquer um pode acompanhar ou participar de todas essas conversas em <http://lists.okfn.org/mailman/listinfo/data-driven-journalism>.

Entre os participantes estão jornalistas da BBC, *Chicago Tribune*, *Guardian*, *Financial Times*, *The New York Times*, *ProPublica*, *Deutsche Welle* e *Washington Post*. Para saber mais sobre as práticas de jornalismo de precisão e baixar gratuitamente uma cópia é só acessar a página criada pelos voluntários: <http://datajournalismhandbook.org>.

Inteligência social

Este é um exemplo de como empresas de mídia e alguns setores da sociedade começam a se organizar para criar ou testar novas formas de colaboração para garantir qualidade e presteza aos serviços de notícias. Nos últimos anos surgiram fenômenos que mudaram nosso jeito de nos expressar ou de ler o mundo. Agora temos um pé no digital e nos conectamos mais tempo à internet – inclusive para “conviver” com a família e os amigos.

Se cada pessoa com um celular que fotografa, filma ou funciona como computador é um repórter em potencial, como nos preparamos para garantir acesso à informação, para ganhar em qualidade de educação ou gerar inovação? Já temos mais celulares que gente no Brasil, as condições estão presentes para as mais diversas aplicações de inteligência social. As tecnologias digitais incorporam novas maneiras de disseminar conhecimento e de produzir riquezas. Está em nossas mãos decidir como queremos compartilhar e aproveitar essas oportunidades.

*César Viana é professor da Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia (Facomb) da UFG. Foi um dos colaboradores da primeira edição do Manual de Redação de Jornalismo de Precisão EJC/OKFn.

CAI

Coordenadoria de
Assuntos Internacionais



Carlos Siqueira



Encontro financiado pela União Europeia para estudo da Doença de Chagas ocorreu na UFG

Nos dias 4 e 5 de setembro, o Instituto de Patologia Tropical e Saúde Pública (IPTSP) da UFG sediou o encontro final do projeto “Epidemiologia comparativa de linhagens genéticas de *Trypanosoma cruzi*”, desenvolvido no âmbito do 7º Programa de Infraestrutura (FP7) da Comissão Europeia. Trata-se de projeto multicêntrico e multidisciplinar que visa a um melhor entendimento da epidemiologia da Doença de Chagas, coordenado pela *London School of Hygiene and Tropical Medicine*. Integram o projeto representantes de 15 instituições, oito da Amé-

rica do Sul (Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Equador, Venezuela) e sete da Europa (Bélgica, França, Suécia, Espanha e Inglaterra). O Brasil é representado pela UFG e pela Fiocruz-RJ. Na UFG, o projeto é coordenado por Alejandro Luquetti Ostermayer (IPTSP). O pesquisador explicou que o encontro final é uma espécie de prestação de contas: “Expomos os resultados parciais e o que ainda é necessário fazer, para elaborarmos um relatório final”, declarou Alejandro Luquetti.

Projeto Alfa Trall é apresentado no Conpeex

No dia 23 de outubro, dentro da programação do Conpeex 2012, a coordenadora de Assuntos Internacionais, Ofir Bergemann de Aguiar, participará da palestra “Educação continuada por competência: do conceito à implementação”, juntamente com a professora Maristela Novaes, da Faculdade de Artes

Visuais (FAV). O objetivo é apresentar o Projeto Alfa Trall (financiado pela Comissão Europeia, no âmbito do Programa Alfa III) e a experiência bem sucedida do curso de extensão “Educação continuada para a comunidade de bordadeiras Bordana”, oferecido pelo projeto.

Gestão acadêmica e administrativa

Equipe estuda mudanças nos atuais sistemas

Com o objetivo de aprimorar o sistema de gestão das atividades acadêmicas da UFG, uma equipe composta por servidores da Pró-Reitoria de Graduação (Prograd) e do Centro de Recursos Computacionais (Cercomp) estudou as possibilidades de implementação do sistema desenvolvido pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). O Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas (SIGAA) é o maior sistema disponível no mercado e abrange todas as áreas de gestão da universidade, tanto acadêmica quanto administrativa. Esse recurso já está sendo utilizado por 25 instituições federais, entre elas 18 universidades.

No dia 2 de agosto, a reitora da UFRN, Ângela Maria

Paiva, acompanhada de alguns pró-reitores e representantes da equipe de Tecnologia da Informação da universidade, recebeu o reitor da UFG, Edward Madureira Brasil, a pró-reitora de Graduação, Sandramara Matias Chaves, o pró-reitor de Desenvolvimento Institucional e Recursos Humanos, Jeblin Abraão, além de representantes da Prograd e do Cercomp para tratarem do assunto. No dia 12 de setembro foi a vez da equipe da UFRN vir até a UFG para apresentar o funcionamento do SIGAA para mais de 50 pessoas diretamente ligadas à implementação e utilização do sistema.

Segundo a pró-reitora Sandramara Matias Chaves, depois de compreender as

possibilidades que o sistema oferece, a equipe de gestão da UFG analisou a transferência tecnológica para atender às necessidades da instituição. O reitor da UFG, Edward Madureira Brasil, deu ênfase aos ganhos e perdas que a universidade teria ao implantar esse sistema integrado de gestão. “Há a necessidade de se fazer um investimento no sistema de informação da universidade. O que devemos estudar são os fatores custo e tempo, já que podemos começar a desenvolver um sistema do zero ou adotar uma experiência já consolidada e ir nos adequando a ela”, disse o reitor. Outras reuniões ainda devem ocorrer entre as equipes das duas instituições para implantar o SIGAA.